

A Companhia das Ilhas apresenta

# A Fome

José Martins Garcia



## Apresentação

Mas de que fome se trata? Aqui também temos duas perspectivas notórias: uma é a fome primária, estomacal, fisiológica, que corrói as vísceras de António Cordeiro, a fome de costeleta e de bife, que inclusive navega a bordo do mítico *Carvalho Araújo* que levou o protagonista – e várias gerações de açorianos – para Lisboa, onde ele desembarca “em Alcântara, sem tostão no bolso.” Na Capital, a fome não dá tréguas, vitimizándolo “o cheiro da comida, o apelo da comida, a imagem da comida, a alucinação da comida”, em que o ícone é uma saborosa costeleta entrevista num restaurante. Já na universidade, António Cordeiro “prolongava o jantar para além dos limites razoáveis. Mastigava cuidadosamente...”, tudo isso para enganar a fome. Essa carência absoluta faz com que declare, a páginas tantas, “Sempre me foi a fome uma entidade familiar. Profissão: faminto – eis o que não consta nos arquivos deste planeta.” A outra fome é mais sofisticada, é fome metafórica, mas não menos dolorosa: é a constituída pela ausência de tudo o que dá dignidade e conforto à existência, é tudo aquilo que António Cordeiro não tem e que tanto deseja, embora não lhe seja perfeitamente claro o que isso seja.

[Luiz Antonio de Assis Brasil, em “Por Uma Costeleta”, texto de abertura de *A Fome*]

## Excerto

E uma noite, talvez na antevéspera do Natal, fui acicatado pelo demónio da urgência. Sentei-me em frente do senhor Sérgio, ao lado do senhor Pragna, na companhia do vento leste, súbito silvo numa árvore despida ou na recuperação de velhíssimos dias.

A criada da Pensão Ocidente, uma beldade prestes a escolher a prostituição,

loura e fresca na antecâmara dos futuros vernizes e bâtons, andava a duplicar-me a ração de fruta, muito dengosa e cheia de pena pelo «rapaz bonito» que andava cada vez mais magro. Mas os meus dedos na pele da sua coxa despertaram-lhe um simples meneio negativo, «não pense em coisas, menino!» De forma que a urgência me ferrou os dentes, simples questão de alguns

## Ficha técnica

ISBN: 978-989-8828-02-6

Dimensões: 14×22cm

Nº páginas: 232

Ano: 2016

Nº Edição: 082

Colecção: Biblioteca Açoriana 002

Obras de José Martins Garcia 001

Género: Ficção (Romance)

PVP: 16 €



COMPANHIA  
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3  
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275  
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt  
companhiadasilhas.lda@gmail.com

escudos no bolso – em princípio destinados à compra duma costeleta, daquelas exuberantes costeletas da montra, exibidas depois de temperadas, recober-tas duma profusão vermelha a prometer

picantes. Varri a tentadora imagem, dei uma punhada na mesa e garanti:

– Vamos às putas!

## José Martins Garcia

Nasceu na Criação Velha, ilha do Pico, a 17 de Fevereiro de 1941. No então Liceu Nacional da Horta fez uma parte dos seus estudos. Os bons resultados escolares deram-lhe acesso a uma bolsa da Junta Geral, o que lhe permitiu completar o curso liceal no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, cidade onde se licenciou em Filologia Românica pela Faculdade de Letras.

No ano lectivo de 1964-65 foi professor eventual no Liceu da Horta. Chamado a cumprir serviço militar, em 1965, foi mobilizado para a Guiné, aí permanecendo de 1966 a 1968, experiência que se projecta em *Lugar de Massacre* (1975), um dos primeiros romances portugueses a abordar a guerra em África, incluído por Rui de Azevedo Teixeira no grupo dos oito romances obrigatórios, canónicos, da literatura da Guerra Colonial. Essa experiência acabaria por pontuar, sob diversas formas e em diferentes circunstâncias, o conjunto da sua obra.

Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português na Universidade Católica de Paris. De regresso a Portugal, leccionou na Faculdade de Letras de Lisboa entre 1971 e 1979. Neste ano rumou aos Estados Unidos como professor visitante da Brown University (Providence), aí permanecendo até 1984;

o rasto desse tempo americano é detectável em *Imitação da morte* e no livro de poemas *Temporal*. De seguida ingressou na Universidade dos Açores, onde se doutorou com uma tese sobre Fernando Pessoa, *Fernando Pessoa: «coração despedaçado»*, escrito precisamente durante a sua permanência nos Estados Unidos e graças às condições de investigação aí encontradas, como o próprio autor confessa na apresentação da obra; a tese representa a sucessiva expansão de um projecto inicial de recensão crítica a um livro sobre o poeta dos heterónimos. Na Universidade dos Açores foi o responsável pela introdução da cadeira de Literatura Açoriana

nos planos curriculares das licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas, da qual foi docente durante alguns anos, e ocupou os cargos de Vice-Reitor e director da revista *Arquipélago-Línguas e Literaturas*, tendo terminado a sua carreira académica como Professor Catedrático.

A sua relação com a imprensa de Lisboa está atestada pela colaboração no suplemento Letras e Artes do jornal *República* (1972-1974), onde publicou uma boa parte das críticas e ensaios reunidos em *Linguagem e Criação* (1973), bem como as crónicas de *Katafaraum é numa nação* (1974). Entre 1973 e 1974 foi ainda crítico literário da *Vida Mundial*; colaborou igualmente n' *A Capital* e no *Diário de Notícias*, prolongando-se a colaboração neste último até Fevereiro do ano seguinte. Em Fevereiro de 1976 passou a exercer as funções de director-adjunto do *Jornal Novo*.

A partir do início dos anos setenta, como refere Ricardo Jorge, José Martins Garcia torna-se «um dos mais assíduos colaboradores de Fernando Ribeiro de Mello nas Edições Afrodite», onde, aliás, publicou parte da sua obra, a começar por *Alecrim, alecrim aos molhos* (1974) e a prolongar-se em obras de referência como *Lugar de Massacre* (1975), *A fome* (1977) e *Revolucionários e Querubins* (1977). Além disso, a sua colaboração com Fernando Ribeiro de Mello traduziu-se na escrita de prefácios, na organização de antologias e na tradução, substituindo, com as devidas distâncias, «a conterrânea Natália Correia como referência literária da Afrodite», na opinião de Pedro Piedade Marques.

José Martins Garcia faleceu em Ponta Delgada a 3 de Novembro de 2002.

Urbano Bettencourt

